



RÁDIO NA MELHOR IDADE: bases teóricas para a utilização do rádio no contexto integrador dos idosos¹

Uriel Izel BENJAMIM²

Caroline Vasconcelos RODRIGUES³

Jimi Aislan ESTRÁZULAS⁴

Faculdade Martha Falcão, Manaus, AM

RESUMO

Esse artigo pretende discutir a exclusão social imposta ao idoso, indicando que sua origem é baseada em estereótipos errôneos que são disseminados tanto no âmbito familiar quanto nos meios de comunicação, que reproduzem sua imagem como um indivíduo improdutivo e limitado. E busca também, apresentar os meios de comunicação, mais especificamente o rádio, como uma importante ferramenta para a criação de um ambiente saudável para o idoso. Para isso, esse artigo pretende mostrar que as características do rádio possibilitam que ele seja um excelente meio de reintegração social para esse indivíduo apartado socialmente. A metodologia escolhida para construção desse trabalho foi pesquisa bibliográfica nas áreas de Sociologia, Gerontologia Social e Comunicação Social.

PALAVRAS-CHAVE: Idoso; Exclusão Social; Rádio; Educomunicação.

INTRODUÇÃO

A comunicação tem papel importante na formação das opiniões de cada um de nós e por vezes, até auxilia na criação de paradigmas sociais. Isso acontece em relação à população idosa. A forma negativa com que essa parcela da população, geralmente, é tratada – como pessoas que não tem mais muito que contribuir e são limitadas – contribui para exclusão social imposta a eles. Mas isso, não é tudo.

O presente artigo pretende discutir se o modo como o idoso é geralmente retratado nos meios de comunicação é uma realidade, qual a influência que o meio ambiente em que esse idoso está inserido tem na condição de velhice vivida, de que forma uma vida social ativa colabora para se viver uma velhice saudável e de forma os meios de meios de meios de comunicação podem ser uma importante ferramenta de reintegração social deste indivíduo, dependendo da forma como esse meio for utilizado.

¹ Trabalho apresentado no Intercom Junior – IJ07 – Comunicação, espaço e cidadania do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2013.

² Aluno do 7º período de jornalismo, email: uriel_izel@hotmail.com

³ Aluna do 7º período de jornalismo, email: caroline_vasconclelos_rodrigues@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Faculdade Martha Falcão, email: jimiaislan@hotmail.com



Para atingir este objetivo, este artigo se encontra dividido em quatro tópicos, onde o primeiro trata do idoso e o isolamento social, buscando entender a forma como, em sua maioria, o idoso é visto socialmente e como esse fato contribui para sua exclusão social. O segundo aborda sobre as potencialidades do idoso. O terceiro se debruça sobre o aspecto da saúde do idoso. E o quarto, mostra como e porque o rádio pode ser uma ferramenta importante de reintegração social no contexto do idoso.

IDOSO E O ISOLAMENTO SOCIAL

Toda fase de nosso desenvolvimento humano, nos traz potencialidades e limitações. Apesar disso, é na velhice que se percebe uma resistência social maior em relação à inclusão desse indivíduo em sociedade. Segundo Moragas (2010), a velhice é socialmente encarada como um grupo social independente e fora da “estrutura social” aceita pela maioria. Como é possível perceber em suas palavras quando diz que “os velhos se configuram como uma categoria de características independentes do resto da sociedade, separados como um grupo de características próprias” (p. 19).

Não é possível negar que os indivíduos que atingem a esta fase da vida possuem características próprias, porém, como falamos acima todas as fases de nosso desenvolvimento humano, nos trazem limitações e potencialidades distintas. Apesar disso, somos de maneira geral, facilmente capazes de conviver e aceitar as características próprias de qualquer outro grupo social pertencente às etapas de nosso desenvolvimento humano: crianças, jovens ou adultos, aceitando-os como parte integrante da sociedade, porém, o mesmo não ocorre com os idosos. Por esse motivo o autor (2010, p. 19) diz que “a velhice separa mais os idosos do resto dos concidadãos do que outros atributos cronológicos ou sociais”.

Moragas (2010) nos apresenta as três principais conceituações de velhice denominadas de: velhice cronológica, velhice funcional e etapa vital. A primeira delas é definida por uma medida objetiva: o fato de se atingir 65 anos. Porém, o autor alerta que esta concepção é limitada, já que, não considera a interferência do meio ambiente nesse processo de envelhecimento, podendo suscitar generalizações errôneas em relação a população idosa. Por esse motivo o autor (2010, p. 21) destaca que “A idade constitui um dado importante, mas não determina a condição da pessoa, pois o essencial não é o mero transcurso do tempo, mas a qualidade do tempo decorrido, os acontecimentos vivenciados e as condições ambientais que a rodearam”. Moragas (2010, p. 20) reforça a



limitação desta concepção quando diz que “A vantagem da objetividade da idade cronológica transforma-se em inconveniente, quando fica comprovado a diferença de impacto do tempo para cada pessoa, de acordo com o que tenha sido sua maneira de viver, sua saúde, suas condições de trabalho etc”.

Monteiro (2001, p. 57) corrobora essa visão ao afirmar que “envelhecer é um processo do sujeito que vive o seu próprio tempo, ou seja, é um processo particular e peculiar a cada um”. Portanto, sendo impossível somente associar a idade cronológica à condição de velhice vivida.

A segunda conceituação de velhice apresentada por Moragas (2010) é denominada velhice funcional e “corresponde ao emprego do termo velho como sinônimo de incapaz ou limitado, e reflete a relação tradicional entre velhice e limitações” (p. 21 e 22). Acreditamos que esta seja a visão mais compartilhada na sociedade em relação ao idoso, sendo um dos motivos importantes para explicar a segregação social imposta a essa parcela da população. O afastamento social imposto ao idoso é muito mais baseado em visões estereotipadas da sociedade em relação à velhice do que em motivos reais que justifiquem tal postura. Em relação ao exposto, Monteiro afirma que

Essas imagens de velhos decrepitos e problemáticos são formadas desde a infância, inicialmente pelos pais, com grande contribuição da sociedade e dos meios de comunicação. Elas estão tão fortemente enraizadas em nós que se transformou em uma convicção oculta, um comportamento ‘natural’.
(MONTEIRO, 2001, p. 89)

Por outro lado, é preciso perceber que a maioria da população idosa não se encontra limitada, tanto socialmente quanto fisicamente. Isso mostra o quão frágil é esta concepção. É necessário compreender que há limitações inerentes a qualquer etapa da vida e não somente na velhice, sendo preciso aprender a conviver com elas. Moragas reforça esse pensamento quando afirma que “As barreiras à funcionalidade dos idosos são, com frequência, frutos das deformações e dos mitos sobre a velhice, mais do que o reflexo de deficiências reais.”

O autor nos apresenta ainda, uma terceira concepção denominada de etapa vital. De acordo com ela, apesar das mudanças ocorridas no aspecto físico e emocional do indivíduo que atinge a terceira idade, ele ainda possui muitas qualidades que podem e



necessitam ser exploradas. Sobre as mudanças ocorridas na terceira idade Moragas mostra que o idoso

Possui certas limitações que, com o passar do tempo, vão se agravando, especialmente nos últimos anos da vida. Por outro lado, tem potencialidades únicas e distintas: serenidade, experiência, maturidade, perspectiva de vida pessoal e social, que podem compensar, caso se utilizem adequadamente as limitações desta etapa da vida. (MORAGAS, 2010, p. 22)

A partir do conhecimento das três principais formas de como o idoso é visto em sociedade, é possível identificar quais os motivos que levam a exclusão dele. Visões estereotipadas e o reforço de suas limitações impedem que o idoso se sinta incluso em sociedade. Moragas (2010) afirma, porém, que as limitações atribuídas pela sociedade ao idoso tem relação direta com o aspecto escolhido para análise de sua condição, ou seja, se compararmos o aspecto físico de um jovem ao de um idoso, com certeza, as limitações do idoso ficarão evidente. Todavia, se o critério de comparação for relacionado a experiências ou conhecimentos, o idoso se sobreporá. Moragas fortalece essa ótica ao afirmar que:

Uma pessoa idosa possui varias experiências, conhecimentos e saberes que um jovem pode não ter. Mas este possui a vitalidade de que o velho carece. Se a sociedade valoriza unicamente o desenvolvimento fisiológico, são evidentes as limitações dos idosos. Contudo se ela aprecia a qualidade psíquica social, então há muitas oportunidades para eles. (MORAGAS, 2010, p. 37)

A partir do pensamento de Moragas é possível perceber que a sociedade esta mais voltada em reforçar as limitações do idoso do que trabalhar as suas potencialidades. O autor (2010, p. 38) reforça este pensamento ao dizer que “o mito da velhice como etapa negativa se baseia em se baseia em pressupostos incertos. A maioria dos idosos não tem limitações, nem suas vidas são negativas e dependentes”

O autor complementa que diversos grupos sociais encaram a velhice de forma negativa pelo fato de associá-la a limitações, doenças ou problemas individuais e sociais. Porém, alerta, para a necessidade de se modificar a visão que se tem em relação à velhice, para que assim, seria possível se construir uma sociedade mais justa e inclusiva.



O IDOSO E SUAS POTENCIALIDADES

A velhice é uma etapa muito particular do desenvolvimento humano. Por suas particularidades é necessário que a sociedade identifique potencialidades que sejam capazes de incluí-los socialmente. Neste sentido Moragas (2010) nos apresenta a Teoria Biológica da Compensação que explica que todo organismo apresenta mecanismos de compensação. No caso dos idosos se comparado aos jovens, se falta no aspecto físico e no aspecto motor pode haver maior abundância do aspecto cognitivo. Este fato mostra que o idoso não pode e nem deve estar renegado socialmente, mas que suas potencialidades precisam ser utilizadas de forma correta para que elas contribuam em sociedade, respeitando as limitações de cada indivíduo. Em relação à utilização do idoso em sociedade, Moragas aponta que

Se fisicamente falta força ao organismo, ele pode compensar esta limitação com menores necessidades de esforço. Se sua capacidade de reação é mais lenta, pode ocupar postos que não requeiram maior velocidade. Se tem tempo disponível, pode ocupá-lo com inúmeras pessoas que necessitam de companhia etc. A teoria da compensação é útil para explicar o potencial dos idosos na sociedade contemporânea, sempre que sejam preparados para desenvolvê-lo e sempre que a sociedade esteja disposta a utilizá-lo. (MORAGAS, 2010, p. 35 e 36)

O aproveitamento do idoso em sociedade não passa somente por ensinar a eles conhecimentos novos, mas também, utilizar os saberes já adquiridos por eles ao longo da vida. Esta visão é defendida por Moragas (2010 *apud* Cattell) quando nos apresenta de dois tipos de inteligência: inteligência fluída e inteligência cristalizada. A primeira é mensurada por meio de testes que exigem velocidade, exatidão, vigor físico, além da capacidade de lidar com situações concretas. Os testes mostram que os jovens tem maior inteligência fluída em relação aos idosos. Já a inteligência cristalizada é medida por meio de testes de conhecimento, educação e experiência de vida onde os resultados mostram que os idosos se sobressaem em relação aos jovens, como podemos observar nas palavras do autor (2010, p. 79) quando diz que “A inteligência cristalizada se baseia no produto da educação, nos conhecimentos e na experiência que os indivíduos adquirem no seio de uma cultura. É medida por testes de compreensão verbal e neles os idosos obtêm melhores resultados que os jovens.”



Um dos objetivos de nossa pesquisa é, portanto, explorar a inteligência cristalizada do idoso, pois como mostra Moragas (2010) o decréscimo da inteligência não é um fato que ocorre com toda a população idosa e pode-se evitá-la criando-se de um ambiente capaz de desenvolver suas habilidades intelectuais.

SAÚDE DO IDOSO

Para desenvolver o aspecto psicossocial do idoso é necessário conhecer e respeitar também suas limitações físicas e de saúde. Por esse motivo neste trataremos sobre as principais patologias que acometem a população idosa.

Os idosos estão susceptíveis tanto a doenças comuns – que qualquer grupo social possa contrair, como por exemplo, gripe, cefaléia ou infecções – como também a doenças inerentes a idade. O que poderá diferenciar nesse caso é o impacto que esta doença causará nesse organismo. Em relação a essas patologias inerentes à idade e ao envelhecimento Moragas explica que

As doenças que se manifestam principalmente na velhice são: osteoporose, artrose, câncer de próstata, artrite e polimialgia reumática. Há doenças relacionadas com a idade avançada, mas que podem manifestar-se na maturidade, como diabetes (não insulínica), mal de Parkinson e de Alzheimer, neoplasia, enfisema e hipertensão. Com uma etiologia mais definida encontramos a septicemia, pneumonia, cirrose, nefrite, acidentes cerebrais vasculares e infarto do miocárdio. (MORAGAS, 2010, p. 65).

As doenças expostas acima são de origens físicas ou neurológicas. Mas não só a idade é determinante para que elas apareçam. O aspecto psicossocial também é decisivo para a diminuição ou não, do número de doenças na velhice. Se oferecermos um ambiente favorável e influente para que o idoso preserve e desenvolva suas potencialidades, estaremos criando um mecanismo de prevenção de doenças. Como podemos perceber nas palavras de Moragas

Para o idoso, a excessiva disponibilidade de tempo é patogênica, como prova a experiência dos idosos que passam de seu domicílio para uma instituição, com diminuição das responsabilidades domésticas. Apesar de essas responsabilidades implicarem obrigações e esforço físico, ficou demonstrado que a ocupação do tempo em atividades



instrumentais, como as domésticas, é essencial para conservação da saúde. (MORAGAS, 2010, p. 64-65).

Como se pode perceber no exposto acima, não existe uma relação direta entre doença e velhice. Moragas (2010) reforça esse pensamento ao dizer que “é possível ser velho sem doente”, destacando que somente um somatório de fatores é capaz de propiciar uma velhice saudável, entre eles: um meio ambiente favorável e fatores genéticos originais e hereditários.

IDOSO E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

O ambiente em que o idoso está inserido refletirá diretamente no comportamento desse indivíduo nessa fase da vida. Moragas (2010, p. 34) comprova essa visão ao dizer que “os idosos mostrarão a personalidade que o meio lhes permita, sendo negativos se não os acolhe, e positivos quando encontram um ambiente propício”. Portanto, criar um ambiente favorável para que o idoso trabalhe e redescubra suas potencialidades é essencial para que ele se mantenha sadio e ativo socialmente.

Os meios de comunicação podem ser um importante aliado para a criação desse ambiente, pois, eles não funcionam apenas como uma ferramenta de disseminação de informação, educação e entretenimento, mas também, agem como companheiros para as pessoas, principalmente para aqueles que se encontram isolados socialmente, como é o caso de uma parcela da população idosa.

Nesse sentido, o rádio se apresenta como o meio de comunicação mais adequado para auxiliar na criação de um ambiente favorável para os idosos. Tendo em vista a ligação histórica e afetiva desse grupo social com este veículo. Pois, devemos lembrar que o idoso de hoje são aqueles que participaram de uma época onde o rádio era o principal meio de divulgação de informações e que em sua juventude vivenciaram o auge do rádio, acompanhando sucesso das radionovelas e programas de auditório, por exemplo.

Vale ressaltar que, além da proximidade com o idoso, as próprias características do rádio fizeram com que concluíssemos que ele seria o veículo mais adequado para auxiliar na criação de um ambiente inclusivo para o idoso. Dentre essas características, Meditsh e Zuculoto (2008) destacam: a capacidade de reter a atenção do ouvinte sem exigir-lhe muito esforço de concentração, estimular sua imaginação através da criação de imagens auditivas por meio da fala e de recursos sonoros, e a não obrigatoriedade de



um público alfabetizado. O potencial inclusivo do rádio é ressaltado por Roquette-Pinto, considerado o pai do rádio no Brasil ao definir o novo veículo (apud FERRARETTO, 2001, p. 97), “o rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que o realizem com o espírito altruísta e elevado”.

A oralidade é outra característica importante do rádio, sendo capaz de reforçar a ligação dele com o idoso. Já que o idoso da sociedade contemporânea fez parte de uma época onde à expressão oral era a principal forma de transmissão de informação e conhecimento, sendo, portanto, para ele, um fator de identificação.

As características expostas acima, e a maior habilidade do idoso nas ciências humanas – onde o campo da comunicação está inserido – mostram que o idoso pode ter uma participação efetiva dentro de um veículo como o rádio. Moragas confirma o aumento das possibilidades criativas nas ciências humanas na velhice quando diz que

Estatisticamente, a criatividade máxima ocorre, em matemática e química, entre 30 e 40 anos, enquanto em literatura e ciências humanas, ao redor dos 60 anos. Isto nos leva a crer que, nas ciências naturais, a criatividade é ‘jovem’, enquanto nos conhecimentos relativos ao ser humano a criatividade necessita da experiência para resolver problemas ‘velhos’, que requerem uma criatividade ‘madura’. (MORAGAS, 2010, p. 88)

Diante disso, é possível perceber que o meio de comunicação pode ser um instrumento de reintegração social para o idoso, a partir do momento que ele seja utilizado de forma a devolver sua cidadania, possibilitando-lhe uma ocupação onde ele possa conservar e desenvolver suas potencialidade e resguardar a sua saúde física e mental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação social vivida pelo idoso, não tem uma só causa e, portanto, não pode ser analisada sobre um único aspecto. Esse artigo buscou a importância dos meios de comunicação tanto para a exclusão como para a reintegração social desse indivíduo. O meio de comunicação proposto para ser utilizado como ferramenta de reintegração social, foi o rádio, pois suas características se mostraram mais adequadas para que o objetivo fosse atingido.



Fica comprovado também, que a educomunicação, proposta de educar utilizando os meios de comunicação, se apresenta com um dos possíveis caminhos a serem seguidos a fim de contribuir de forma decisiva para a diminuição da exclusão social do idoso.

Isso porque, os meios de comunicação cumprem um duplo papel. O primeiro, que é informar, compartilhando conteúdos de relevância social. O segundo, muito mais latente, que é o de produzir realidades. É através dos espaços comunicativos que as pessoas se integram ao social. Produzem conteúdos de conversas, compartilham ideias de outras pessoas e se sociabilizam dentro do espaço público de opinião.

Dentro desse contexto, e entendendo todo o processo físico e psicológico do envelhecimento, é que a rádio não só pode contribuir para a reintegração, como também pode exercer essa segunda e nobre função social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 2. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valcir (Org.). **Teorias do Rádio: textos e contextos**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

MONTEIRO, Pedro Paulo. **Envelhecer: histórias, encontros, transformações**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MORAGAS, Ricardo Moragas. **Gerontologia Social: Envelhecimento e qualidade de vida**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.